

OS MELHORES DE 2016

TEATRO



Dinis Gomes e Rita Cabaço em "Música", de Frank Wedekind

Sem pretensões

Em tempos de austeridade financeira e penúria ideológica e moral, alguns espetáculos aliam arte e honestidade

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Na escolha de 2016, e numa lista de dez espetáculos, alguns deles — o do Teatro do Vestido e os do Projecto Teatral — organizam-se por referência direta a aspetos muito concretos da existência, ou melhor, da vida, uma vida que não é só por si teatro; apresentam-se assim, e também, como criações nas quais a dimensão conceptual é determinante. “Esta É a Minha Cidade e Eu Quero Viver Nela” decorre de realizações anteriores: a ‘cidade’ referida não é uma, mas sim às cidades de Viseu e do Porto, onde, antes de Lisboa (2016), houve primeiras versões do espetáculo. Um importante traço distintivo do trabalho de Joana Craveiro é o de transformação da memória, neste caso ligada a lugares físicos, em espetáculo e em percurso real; este trabalho define-se, ainda, pela vontade de articular o conhecimento académico com a prática teatral. Os espetáculos do Projecto Teatral

partem também de um trabalho académico e intelectual, o da filosofia, e dão forma a um discurso em que o conceito não é matéria preexistente mas em que o discurso é parte do desenvolvimento do conceito. Nas “Pequenas Conferências”, sobre “Justiça” e “Beleza”, a filosofia e a estética, ou antes, a filosofia e a criação artística estão ligadas um pouco como Ser e Pensar — passe o traço redutor e simplório da comparação — estão ligados para Descartes. A beleza, quase só por si, determina a existência de um espetáculo como “Commedia”, de Luís Castro, concebido a partir da “Divina Comédia”, de Dante. Por outro lado, no discreto e sedutor “A Morte do Príncipe”, de Ricardo Boléo, a inteligência e a pertinência da dramaturgia textual encontram eco ideal no trabalho dos atores Lídia Muñoz e Ricardo Condesso. “Pinocchio”, quer na versão de Joël Pommerat quer na de Bruno Bravo, foi mais um caso de perfeita adequação entre literatura e teatro — e um excelente trabalho de Carolina Salles, no caso da versão de Bruno Bravo. “The Extra People”, de Ant Hampton, foi um dos raros casos de uma performance inteligente — na maneira de implicar diretamente o público no

LUÍS SANTOS

Escolhas

MÚSICA

De Frank Wedekind

Encenação de Luís Miguel Cintra

OS JUSTOS

De Albert Camus

Teatro da Cidade

PINOCCHIO

A partir de Carlo Collodi

Encenação de Bruno Bravo

PINOCCHIO

A partir de Carlo Collodi

Encenação de Joël Pommerat

SINGSPIELE

De Maguy Marin, David Mambouch e Benjamin Lebreton

COMMEDIA

A partir de Dante Alighieri

Encenação de Luís Castro

PEQUENAS CONFERÊNCIAS — A JUSTIÇA; A BELEZA

De Jean-Luc Nancy

Projecto Teatral

A MORTE DO PRÍNCIPE

A partir de Müller, Pessoa e Shakespeare

Encenação de Ricardo Boléo

ESTA É A MINHA CIDADE E EU QUERO VIVER NELA (LISBOA)

Do Teatro do Vestido

Encenação de Joana Craveiro

THE EXTRA PEOPLE

De Ant Hampton

Direção de Ant Hampton

espetáculo, no suscitar reflexões sem fornecer logo a chave para acabar com elas. E “Singspiele”, na interpretação soberba de David Mambouch, foi, num solo, um exemplo maior de criação de personagens ‘à vista’. Finalmente, “Música”. Na suprema virtude da sua maturidade, Luís Miguel Cintra deu a ver e a ouvir, na peça de Wedekind com o mesmo nome, aquilo que ela tematiza, ou pelo menos refere em permanência, mas cuja audição não pressupõe — a música, justamente. Foi um trabalho de dramaturgia e de encenação assombroso, assim como de direção de atores e de representação, em geral. Neste sentido, apenas “Os Justos”, pelo Teatro da Cidade, pelo cuidado da realização, desde o trabalho com o texto à realização plástica, passando pelo trabalho de atores, parece poder continuar, sem imitação ou subserviência, o trabalho da Cornucópia. ●